

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar como o trabalho com poemas na escola pode ser um instrumento para despertar o gosto de crianças do campo pela leitura. Para isso, desenvolvemos durante o estágio uma pesquisa através de um projeto de leitura de poemas com alunos(as) do 4º ano da Escola Municipal Rômulo Almeida, situada na cidade de Guanambi, Bahia. O trabalho se fundamenta na perspectiva da pesquisa no estágio e do estágio como pesquisa, por meio do método da documentação pedagógica. A documentação pedagógica faz uso da produção de memórias a partir da experiência vivenciada de modo a concretizar a práxis. Através desse exercício foi possível analisar e refletir os eventos poéticos desenvolvidos durante a prática pedagógica na docência com alunos(as) do campo. Em síntese, esta produção permite concluir que: o trabalho com poemas na escola é de grande importância, já que as crianças ampliam sua visão sobre o mundo e espaço em que vivem, desenvolvem a criatividade, a reflexão e o repertório de leitura/habilidades com a escrita; e que é possível desenvolver o estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio. Ressalta-se que, no caso de cursos de licenciatura, consideramos essa prática de pesquisa no estágio muito importante e necessária, pois o(a) futuro(a) professor(a) se inquietará diante das construções e passará a pensar sobre os seus métodos para a elaboração das aulas e, conseqüentemente, melhoria na qualidade do ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Estágio. Pesquisa. Documentação pedagógica. Educação do Campo. Poema.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze how the work with poems in school can be an instrument to awaken the taste of rural children by reading. For this, during the internship we developed a research through a project of reading poems with 4th year students of the Rômulo Almeida Municipal School, located in the city of Guanambi, Bahia. The work is based on the perspective of research in the internship and internship as research, through the pedagogical documentation method. The pedagogical documentation makes use of the production of memories from the experience experienced in order to realize praxis. Through this exercise it was possible to analyze and reflect the poetic events developed during the pedagogical practice in teaching with rural students. In summary, this production allows us to conclude that: the work with poems in school is of great importance, since children broaden their vision of the world and space in which they live, develop creativity, reflex. It is notepoint

that, in the case of undergraduate courses, we consider this research practice at the internship very important and necessary, because the future teacher will be concerned about the constructions and start thinking about their methods for the preparation of classes and, consequently, improvement in the quality of teaching-learning.

Keywords: Internship. Research. Pedagogical documentation. Rural Education. Poem.

Submetido em: 02 de nov. 2022

Aceito em: 26 de jan. 2023

ENTRE RIMAS E VERSOS: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COMO PESQUISA A PARTIR DO USO DE POEMAS COM CRIANÇAS DO CAMPO**BETWEEN RHYMES AND VERSES: ANALYSIS OF AN INTERNSHIP EXPERIENCE AS A RESEARCH FROM THE USE OF POEMS WITH COUNTRYSIDE CHILDREN**

Luélia Pereira da Silva¹ /
Tayná da Cruz Pereira¹ / Tatyane Gomes Marques^{1,*} /
Jany Rodrigues Prado¹

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o ato de ler ainda é algo desafiador para muitos(as) alunos(as) do Alto Sertão, principalmente, para aqueles(as) advindos do campo, pois os recursos a eles(as) oferecidos muitas das vezes não propiciam o acesso necessário ao mundo da leitura. Muitos(as) vêm de classes multisseriadas² e escolas com poucos investimentos na estrutura. A leitura, nesses contextos, muitas vezes, não lhes é apresentada como algo prazeroso e, sim, como uma atividade exaustiva. Práticas de leitura prazerosas podem proporcionar a ampliação da cultura letrada, bem como viagem na magia e na imaginação, fazendo com que os(as) estudantes tenham o desejo de embarcar no mundo cada vez mais amplo de descobertas.

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil

*E-mail para correspondência: tmarques@uneb.br

²Caracterizam a organização pedagógica das turmas com mais de uma série/ano sob a responsabilidade de um único docente.

Partimos do pressuposto de que a linguagem poética possui vários recursos que, se explorados de maneira adequada em sala de aula, podem despertar na criança não só o gosto pela leitura, como sua sensibilidade para a beleza que linguagem literária emana, bem como criar o hábito de ler poemas. Esse tipo de literatura, além do prazer e da diversão provoca o indivíduo, altera seu modo de ver e pensar seu lugar na sociedade. Incidem nesses princípios a nossa escolha pelo tema aqui proposto. Por essa razão, a opção de escolher poemas como ponto de partida da pesquisa nasce de uma questão subjetiva e de um processo de identificação pessoal, haja vista que como pesquisadoras vivemos toda a infância em comunidade rural, tendo contato com muitos elementos da natureza, como o sol, a lua, os animais e as flores, com a produção da agricultura familiar. Buscamos então compreender como os poemas, que trazem linguagem simples e que valorizam a identidade dos sujeitos do campo, podem despertar nas crianças o gosto e o envolvimento com a leitura.

Entendemos que esta pesquisa apresenta relevância social, uma vez que aborda um tema essencial na vida do homem e da mulher nas sociedades contemporâneas: a leitura; pois, aquele/a que passa pelo processo de transformação, propiciado pelo ato de ler (FREIRE, 2011), é, sem dúvida, um indivíduo que tem seu horizonte de conhecimento ampliado. Além disso, em nosso cotidiano, deparamo-nos com muitas pessoas que se sentem desmotivadas e apontam a leitura como uma atividade exaustiva e sem importância, o que mostra a resistência delas com relação ao ato de ler.

No caso da pesquisa realizada, o tema discutido propõe um trabalho de aproximação entre as crianças do campo com leitura por meio do gênero poemas, cuja linguagem é repleta de significados, metáforas, ritmos, sons; enfim, vários recursos que possibilitam um contato prazeroso entre o estudante e o ato de ler.

O TRABALHO COM A LEITURA DE POEMAS NA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS DO CAMPO

A Leitura e sua Importância

Ler é, sem dúvidas, um grande passo para compreender o mundo. A leitura tem um papel primordial para formação e capacitação do homem e da mulher que vivem em uma sociedade que exige cada vez mais o conhecimento e a criticidade. Por conta disso, é imprescindível que as escolas invistam em atividades que fortaleçam a importância do ato de ler. Desde cedo, é necessário que as crianças compreendam o quanto a leitura é importante, prazerosa e pode mudar suas vidas.

O(a) professor(a) e escola precisam se empenhar para que as leituras sejam transformadoras e enriquecedoras, pois através delas a criança desenvolverá seu potencial e intelectualidade para viver em sociedade. Na Base Nacional Comum Curricular³ (BRASIL, 2018, p. 42), umas das afirmações que encontramos que trata disso destaca:

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil,

³Nesse documento, orientador do currículo escolar no Brasil, um ponto bastante negativo para a educação infantil é diminuir dos oito para os sete anos o prazo máximo para que todas as crianças brasileiras estejam plenamente alfabetizadas. É extremamente impossível estipular esse limite de idade. A base propõe algo que a educação e os governantes não são capazes de fazer sem investimento na capacitação e valorização dos(as) professores(as) e da escola pública, fato que não existe no Brasil. O documento vem carregado de falhas e ideias que contradizem o real sentido de uma educação pública, libertária e de qualidade. Apesar disso, suas colocações, no que se refere à leitura, são relevantes.

propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo.

Com base nessa afirmativa, compreende-se que a formação de mundo de uma criança dependerá de sua base na escola e família, por isso, a importância de investir em educação e leituras de qualidade. Os gêneros textuais diversificados que trazem elementos do contexto em que os(as) alunos(as) vivem farão com que esses(as) adquiram prazer pela leitura e se despertem para a cultura e diversidade ao longo do seu processo formativo.

A criança com boa formação será um adulto consciente e crítico, compreendendo assim seu papel na sociedade e lutando para transformá-la. Conforme Kramer (2000, p. 20) diz:

O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato - isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediada ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito para além do dado imediato permite pensar, ser crítico da situação, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modificá-la. Desvelar.

As experiências vividas com as leituras poderão ser transformadoras e revolucionárias, uma vez que, com base nelas, o(a) leitor(a) fará sua análise da sociedade que vive e terá uma visão diferenciada; a criticidade será aguçada e a compreensão dos fatos ocorrentes na sociedade serão aumentados. O(a) sujeito(a) leitor(a) é um(a) transformador(a) de mundo, para isso, é necessário o investimento na educação e na capacitação dos(as) professores(as).

Apesar de haver o reconhecimento dessas dimensões da leitura, segundo Silva (1991, p 36), a situação da leitura no Brasil é bastante contraditória: Convivem lado a lado uma preparação carente de professores(as) de leitura e as recomendações irrealistas de autoridades educacionais. As escolas fazem um trabalho tímido e a consequência são alunos(as) sem leitura de mundo, sem criticidade e limitados à sala de aula. Para mudar tal contexto, é necessário os(as) professores(as) terem estratégias que impulsionem seus alunos(as), mudando a visão deles(as) com relação às práticas de leitura. Isso parte da infância e dos anos iniciais, conforme Pereira, Frazão e Santos (2012) afirmam que praticar a leitura na infância está diretamente ligado em despertar na criança o prazer em ler.

O trabalho criativo dos(as) professores(as) em sala de aula e o empenho em contar histórias, narrar, encenar e criar farão com que os(as) alunos(as) se sintam motivados(as) e interessem por leituras.

Nesse sentido, é preciso uma dinâmica no ambiente escolar que facilite o contato dos(as) estudantes com livros e oficinas de contos, poesias, romances, entre outros gêneros. Outra ferramenta importante que pode ser usada para aguçar o gosto pela leitura é a presença e uso da biblioteca, conforme Pereira, Frazão e Santos (2012) ressaltam. Por meio da biblioteca, pode-se trabalhar muito com práticas de leitura na escola. Para isso, ela deve estar sempre aberta à curiosidade das crianças e não somente para depósito de livros. O(a) educador(a) pode realizar estudos dentro desse ambiente com os(as) seus alunos(as), indicar pesquisas e fazer com que esse espaço seja um dos mais interessantes da escola.

Em uma sociedade altamente tecnológica onde os tablets, smartphones e computadores fazem parte da vida da criança desde cedo, é necessária uma conscientização de que a leitura precisa ser valorizada e inserida em todos os ambientes. A escola precisa se empenhar, convidar a família, fazer programações que envolvam a interação entre eles(as) como, por exemplo, contação de história em sala com a presença dos familiares. A parceria família-escola deve existir para que os(as) alunos(as) desenvolvam seus hábitos, afinal, ambas andam juntos para a formação de um(a) cidadão(ã) politizado(a) e crítico(a).

Enfim, destacamos que a leitura é capaz de mudar a mente, impulsionar o ser e favorecer maiores níveis de inteligência. A criança leitora que ouve histórias e é incentivada a ler, conseqüentemente, se tornará um(a) adulto(a) consciente no meio em que vive. A escola e a família que investem no ato de ler estão plantando sementes para um futuro promissor com pessoas comprometidas com a sociedade que vivem.

O espaço da poesia na escola

A poesia possui um papel importante no desenvolvimento escolar e humano das crianças, já que ela é um recurso lúdico, que, se trabalhada de forma correta, pode despertar interesse e curiosidade pelo mundo da leitura. As crianças podem vir a se tornar cidadãos melhores, mudar a sua forma de pensar e agir no mundo.

As leituras de poemas podem fazer com que as crianças tenham a sua visão de mundo ampliada, possam pensar e agir criticamente no espaço em que estão inseridas. Segundo Silva (2012), os(as) autores(as) desse gênero expressam seu pensamento de mundo, cultura, sentimentos no momento em que está escrevendo, portanto, é um instrumento que deve ser utilizado visando à formação de alunos leitores-críticos-reflexivos(as).

Nesse sentido, o poema a ser trabalhado na sala de aula deve ser algo que desperte o interesse das crianças, que chame a atenção, como afirma Abramovich (1991, p.67):

A poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser, antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa.... Prazerosa, divertida, inusitada, se for a intenção do autor.... Prazerosa, triste, sofrente, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor...

Acreditamos que as leituras desse gênero fazem com que as crianças viajem no mundo da imaginação, despertando nelas a criatividade, a vontade de ler mais e conhecer o mundo, pois a poesia lida com a ludicidade verbal, musical, sonora e, às vezes, engraçada proporciona uma leitura prazerosa.

É importante destacar que pouco se trabalha com esse tipo de leitura em sala de aula, como afirma Silva (2012). De acordo essa autora quando trabalhada na escola, os textos poéticos (músicas, poemas, quadrinhas...) servem apenas para estudos gramaticais ou para dar destaque aos aspectos formais do poema.

Pode-se salientar que um dos problemas para a não leitura de poemas na escola ou a inadequação do seu uso pode estar na formação do(a) professor(a), pois muitos não encontram estratégias para motivar os(as) alunos(as) a lerem poesias e boa parte dos/as professores/as não tem o hábito de ler esse gênero textual. É claro que consideramos também que não se deve destacar apenas um culpado por essa situação, pois são diversos os fatores que influenciam o pouco trabalho com poemas na escola.

Acreditamos que há espaço para a poesia na sala de aula, cabe ao(a) professor(a) fazer uso de forma correta e não tratá-la de forma equivocada e sem sentido. Mas a escola, muita das vezes, por não saber como abordar um texto literário, acaba deixando de lado ou trabalhando de uma forma sem sentido para os(as) alunos(as). Silva (2012, p.3) afirma:

(...) O texto literário serve como base para o ensino da escrita, para o estudo estrutural da língua e, mesmo fazendo a leitura deste tipo de texto, ela não corresponde a uma leitura literária, não permitindo que o aluno tenha liberdade de compreender e desenvolver diversas possibilidades de sentidos para o texto, em que a única acepção aceita para ele é a dada pelo professor ou a que se encontra no livro didático.

Nesse sentido, pode-se perceber que, quando o texto poético não é trabalhado de forma que desperte a imaginação nas crianças, os(as) estudantes podem ficar limitados(as) em compreender e dar sentido ao texto, tornando-se seres reprodutores daquilo que o(a) professor(a) lhes impõe. Portanto, não desenvolvem um senso crítico.

O trabalho com a linguagem poética deve ser algo brincante, estimulador, aguçador da curiosidade das crianças, mostrando a elas que é possível brincar com as palavras e que a leitura pode ser algo muito prazeroso.

Neste caso, destacamos que são inúmeros os meios para se trabalhar poesia com crianças conforme nossa experiência de estágio evidencia. Para isso, o(a) professor(a) deve inovar sua prática pedagógica para causar um interesse nos estudantes e, claro, ser ele(a) próprio(a) um(a) leitor(a) dessa literatura. Abramovich (1991, p. 94) aponta algumas formas de se trabalharem poemas:

O ler em voz alta um poema amado com a emoção que ele despertou... o encontrar poesias que mexeram com o sensorial de cada um (visão, olfato, paladar...) e perceber como aconteceram escolhas diferentes por razões diversas... o procurar poemas que falem de assuntos paralelos, parecidos, mas tratados de outra forma(...). O trocar experiências pessoais a partir de um poema que tenha sido vivido por cada leitor (...).

O(a) professor(a) deve estar atento(a) e seletivo(a) com os poemas a serem trabalhados com os(as) alunos(as), selecionando aqueles que mais se aproximam da realidade dos mesmos. Deve dar a eles(as) a liberdade de expressarem aquilo que compreenderam, fazer discussões e reflexões relacionadas com a realidade de cada educando(a) para, a partir disso, ampliar o repertório leitor.

Abramovich (1991) salienta que o(a) professor(a), ao ler um poema para a classe, deve conhecê-lo muito bem e tê-lo lido várias vezes para que possa transmitir uma emoção verdadeira, que siga um ritmo, que enfatize o importante e faça pausas para que os(as) estudantes possam perceber cada estrofe e cada mudança. Se for escolher poesia para ser lida pelas crianças, deve-se recorrer a autores(as) que já têm mais experiência, aqueles(as) que escrevem de forma simples e bela, capaz despertar nas crianças sorrisos, suspiros, vontade de ler mais e de repetir⁴.

É importante citar que, para o desenvolvimento de um bom trabalho com poesias, a escola deve dispor de um ambiente agradável, uma biblioteca ventilada, espaçosa, e ter várias opções de livros para que as crianças possam escolher aqueles que mais lhes interessarem. Dessa forma, os(as) alunos(as) podem ter um melhor rendimento escolar e, mais que isso, serem leitores(as) dos diversos textos que circulam socialmente.

Os(as) professores(as), após a leitura dos poemas, podem propor atividades interpretativas para que os(as) alunos(as) possam trocar experiências e conhecimentos de mundo. Através dessa troca, as crianças podem se desenvolver de forma pessoal e social, podem transformar o meio em que estão inseridas e tornarem adultos que leem e refletem a partir do que leu.

⁴Nos eventos poéticos que promovemos durante o estágio como pesquisa, buscamos garantir essas orientações.

A leitura de poemas com crianças do campo

Como já destacamos, a poesia é um recurso lúdico de muita importância para se trabalhar em sala de aula, pois possui uma linguagem rica, atraente e simples. Por todas essas razões já se justifica o trabalho com essa linguagem nos processos de escolarização. No caso de crianças do campo, destacamos que a linguagem poética traz muitos elementos enriquecedores que estão presentes na vida desses indivíduos, que ajudam a valorizar suas identidades e ampliar seus repertórios culturais.

Quando nos referimos às crianças do campo, embora reconheçamos suas diversidades, destacamos que, na maioria das vezes, são de origem simples e pertencem à classe trabalhadora da agricultura, pecuária, que tiveram e ainda têm muitos dos seus direitos negados. Na maioria dos casos, precisam se deslocar do campo para a cidade para ter acesso às escolas, pois grande parte delas foi fechada, apesar de terem o direito em estudar no seu local de origem, conforme afirma o Art. 3º da Resolução CNE/CEB Nº 2, de 29 de abril de 2008:

A Educação Infantil deve ser oferecida nas próprias comunidades rurais como determina o Art. 3º da Resolução CNE/CEB Nº 2, de 28 de abril de 2008, que estabelece as diretrizes complementares para o desenvolvimento da Educação Básica do Campo.
A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças. (29 de abril de 2008).

Apesar de ser garantido por lei, a realidade é diferente e as crianças do campo enfrentam o deslocamento de suas comunidades, percorrendo longas distâncias, o que coloca em risco as próprias vidas em transportes ruins e desproporcionados. Tendo em vista que os moradores do campo são os que menos estudam, como mostram os índices, que o analfabetismo dessa população chega aos 23%; são os que têm acesso às escolas mais precárias. Apenas 4% das matrículas do ensino médio são de escolas no campo. Quase 90% delas não possuem bibliotecas e mais de 80% não têm laboratório de informática. Esses dados mostram o descaso com esses indivíduos por parte dos governantes. Consequentemente, isso diminui ou impacta o aprendizado⁵.

Por conta disso, a escola deve se esforçar para ser o lugar do conhecimento e fazer com que o sujeito do campo se sinta incluído de modo a valorizar a sua identidade e origem, facilitando e enriquecendo o aprendizado. Daí a necessidade de trabalhar recursos poéticos que o valorizam, despertem o prazer, o deleite e também a criticidade.

A escola, muitas vezes, é limitada e não trabalha para valorizar a especificidade de cada aluno(a), não desenvolvendo um currículo que inclua os sujeitos do campo. As leituras são apresentadas para o(a) aluno(a) de forma cansativa, pouco atraente e com conteúdo padronizados, fazendo com que os(as) mesmos(as) não se interessem por textos poéticos e não adquiram o hábito de ler.

Os livros didáticos são os principais recursos utilizados em sala de aula tanto nas escolas localizadas na cidade quanto no campo (nestas, às vezes, nem esse recurso existe). O(a) professor(a), muitas vezes, fica preso somente a ele, não buscando recursos inovadores que estimulem as crianças a pensar o sentido da poesia e a mensagem que elas

⁵Essa é a realidade do município de Guanambi que é o contexto da nossa pesquisa. As crianças, desde cedo, fazem o uso do transporte escolar, enfrentando longas distâncias, chuvas e poeira conforme a época do ano, atrasos e enormes desafios pra chegar na escola (Marques e Santana 2019). Conforme o Panorama da Educação do Campo (BRASIL, 2007), no caso do ensino fundamental de 1a a 4a série, das 1.371.058 crianças atendidas em 2005, somente 42,6% são transportadas para escolas localizadas na área urbana. O uso do transporte se inicia cedo e as condições desfavorecem o aprendizado.

transmitem. Sendo assim, é essencial que esse educador(a) desenvolva atividades enriquecedoras por meio da poesia, fazendo com que esses(as) estudantes se sintam atraídos pela beleza que a linguagem poética emana.

Conforme salienta Santos (2012), o texto poético é uma ótima opção para professores que querem trabalhar com textos significativos, visto que os poetas buscam transmitir seu pensamento, cultura, meio social e sentimentos no momento em que está escrevendo. Ou seja, através dessa leitura, os(as) alunos(as) do campo terão uma conscientização do seu papel na sociedade e na sua comunidade, lutando como sujeitos sociais para a garantia de seus direitos.

Ao considerarmos todos esses aspectos e na busca pela garantia do repertório leitor de crianças do campo, é que decidimos por desenvolver nossa experiência de estágio do curso de Pedagogia nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola que recebe alunos(as) do campo. Nessa experiência, elegemos os poemas como gêneros textuais para a experiência de ensino-aprendizagem. O estágio, então, mais que um momento de prática do curso de Pedagogia tornou-se espaço-tempo da vivência da pesquisa.

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO COMO PESQUISA E A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MÉTODO

O estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio

Em nosso último estágio realizado nos anos iniciais do ensino fundamental, componente obrigatório do curso de Pedagogia da UNEB - Campus XII, propomos 2 objetivos: Desenvolver um projeto de intervenção pedagógica a partir do uso de poemas e, com isso, analisar como os(as) alunos(as) do 4º ano da Escola Municipal Rômulo Almeida, advindos do campo, desenvolveriam o gosto e prazer pela leitura e escrita através dos poemas. Segundo Pimenta e Lima (2012, p. 46):

O movimento de valorização da pesquisa no estágio no Brasil tem suas origens no início dos anos 1990, a partir do questionamento que então se fazia, no campo da didática e da formação de professores, sobre a indissociabilidade entre teoria e prática.

Portanto, atuando no estágio enquanto pesquisadoras, compreendemos que esse é um momento muito importante na formação do(a) futuro(a) profissional e, diante disso, torna-se viável a realização desse componente como pesquisa, a fim de se buscarem resultados e fazer análises sobre a prática docente, sobre os processos de aprendizagem dos estudantes, enfim, sobre os desafios enfrentados pelos(as) professores(as).

Para Pimenta e Lima (2012, p.156), “estudar a sala de aula como espaço de conhecimento vem se tornando uma necessidade pedagógica indispensável para a compreensão dos processos de ensinar e aprender”. Desse modo, o(a) estudante dos cursos de licenciaturas, em suas práticas de estágio, devem apropriar-se de todos os aspectos que envolvem o ensino e aprendizagem, observando e refletindo sobre essa construção.

Quando partimos para a experiência de estágio, estamos indo em busca de conhecermos e vivenciarmos a nossa futura profissão. Atuaremos ali através de atividades e elaboração das aulas, das observações de como é o cotidiano escolar e a atuação docente, o vínculo entre alunos(as) e professores(as) e, especialmente, como ocorre a aprendizagem dos(as) estudantes. Segundo Carvalho (2012, p. 11-12), o(a) estagiário(a), além de aluno(a), é:

[...] profissional interessado em detectar as condições de ensino e não ensino; analisar as interações construtivas e destrutivas entre professor e alunos; ver como o papel do professor interfere no clima da aula e discutir qual a visão de ciências que o conteúdo ensinado transmite aos alunos.

Esse(a) estudante, ao fazer seu estágio em uma escola, adentrará ali como um(a) pesquisador(a). Fará análises com base em seu aprendizado e nas teorias estudadas, não estará nesse contexto somente para cumprir a carga horária exigida, mas sim como um(a) observador(a). No caso das licenciaturas que formam os(as) professores(as), a experiência do estágio permite, além de dar aulas e fazer planejamentos, observar e analisar as construções intermediadas pelos/as professores/as atuantes na sala e a interação com/entre os(as) alunos(as).

Pimenta e Lima (2012, p. 67-68) afirmam que “O estágio, ao promover a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e trabalho do professor na sociedade”. Nesse sentido, essa primeira vivência atuante na sala de aula possibilita o crescimento do(a) estudante, propiciando-lhe um encontro com a realidade e uma ampliação da visão sobre sua escolha profissional e as contribuições que ela acarretará para o meio social.

Pimenta e Lima (2012, p. 46) ressaltam que “A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade do estagiário como futuro professor”. Ao partirmos desse pressuposto, entendemos que a estratégia de ser aluno(a) pesquisador(a) na sala de aula pode trazer contribuições de grande relevância para a área educacional e poderá acarretar problematizações necessárias para esse contexto, para a formação/atuação.

Os projetos desenvolvidos no estágio são relevantes para o meio acadêmico e, com base nos resultados obtidos por meio da pesquisa, é possível repensar estratégias e atuações dos próximos estagiários(as) em determinados contextos escolares, reformulando ideias e ações. Os (as) autores (as), Ghedin, Oliveira e Almeida (2015, p.59), pontuam que:

[...] É pela prática da pesquisa que aprendemos a reelaborar o conhecimento, para aprender a reinterpretar a realidade e aprender a reunir as informações para traduzi-las num conhecimento próprio e pessoal que é um modo de interpretar o mundo, a realidade e propor novas formas de agir e de ser do/no mundo. (GHEDIN, OLIVEIRA, ALMEIDA, 2015, p.59).

Nesse sentido, o(a) estudante enquanto pesquisador(a), além de obter experiência em sala durante o estágio, também avalia práticas que permearão para além daquele momento, pois a pesquisa o(a) fará repensar e propor novas maneiras de lecionar e causar transformação no meio em que ele(a) atuará.

Em nossa prática de estágio, fizemos a observação da sala de aula e das atividades desenvolvidas pelas professoras, colaboramos conforme solicitação delas, pois alguns(as) alunos(as) necessitavam de maior atenção na hora de ler e escrever. Esta primeira etapa ocorreu durante duas semanas. Posteriormente, elaboramos o nosso projeto de intervenção voltado para esses estudantes que apresentavam dificuldades e, por meio dessa intervenção, realizamos a nossa pesquisa.

Essa experiência, como já sinalizado anteriormente, ocorreu na escola Municipal Rômulo Almeida, localizada no bairro São Francisco na cidade de Guanambi-BA, que atende alunos(as) do ensino fundamental anos iniciais e finais, em sua maioria advindos do campo, e que precisam se deslocar diariamente para a cidade para estudarem, pois em suas regiões não possuem unidades de ensino.

Enquanto fazíamos a observação durante o estágio, pudemos perceber que são poucas as práticas de trabalho com poemas e leituras na sala de aula, os conteúdos em sua maioria são trabalhados a partir do livro didático que pouco

abordam o gênero poético e suas implicações para a boa formação do aluno leitor. Diante dessas observações elaboramos a intervenção-pesquisa com os(as) alunos(as) a fim de possibilitar um maior contato deles(as) com esse gênero. Essa pesquisa no estágio se encontra como objetivo do curso de pedagogia do DEDC XII.

O Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia do Departamento de Educação – DEDCXII – da Universidade Estadual da Bahia (2008, p.69) enfatiza, no tópico Pesquisa e a prática como Elementos constitutivos da formação de pedagogos(as), que “garantir a pesquisa é um princípio que possibilita a formação de profissionais aptos a compreensão quanto às complexidades e contradições do mundo do trabalho e da vida social”. Sendo assim, fica evidente o comprometimento da universidade com a pesquisa no estágio e a sua relevância na prática do estudante de Pedagogia para contribuir com as transformações necessárias à sociedade.

No tocante à Pesquisa e Prática Pedagógica, o PPP do curso de Pedagogia da UNEB (2008, p.71) destaca que “o componente de pesquisa deve se articular desde os períodos iniciais com o TCC, norteando os trabalhos de acordo com as linhas de pesquisa do departamento”. Nesse sentido, iniciamos a disciplina de PPP desde o primeiro semestre do curso, articulamos e estudamos as ideias sobre o nosso tema de pesquisa-estágio ao longo dos semestres. O projeto de pesquisa, qualificado no 4º semestre do curso de Pedagogia, já tinha como temática o trabalho com a leitura de poemas na escola. Assim, durante o 5º e o 6º semestres, fizemos o movimento de ampliar as leituras sobre esse tema e, no 7º semestre, propusemos o estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A vivência do estágio e a elaboração da nossa pesquisa foram muito importantes para a nossa formação e ampliou a nossa visão sobre a atuação do(a) professor(a) na sala de aula. Conforme as autoras Pimenta e Lima (2012, p.127) descrevem:

Dessa forma, o estágio passa a ser um retrato vivo de prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de sua profissão, de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade.

Concordamos com as autoras acima, uma vez que nós vivenciamos momentos reflexivos e necessários para o tempo atual. Atuamos como professoras, ouvimos os anseios dos(as) alunos(as) e as dificuldades enfrentadas pelos(as) educadores(as), levantamos questionamentos e pesquisamos possibilidades para uma melhor aproximação desses(as) estudantes com a aprendizagem. São tempos difíceis para a educação, faltam recursos e investimentos por parte dos governantes, melhores estruturas para instituições de ensino e valorização e incentivo aos(as) professores(as). Acreditamos que, diante disso, fazer pesquisas, pensar e buscar melhores práticas educativas é de extrema valia para construção de uma escola cada vez mais transformadora e emancipadora.

O estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio foi para nós uma experiência marcante e muito importante. Acreditamos que se faz muito necessária nos cursos de licenciatura, uma vez que, através dela, o(a) futuro(a) professor(a) passará a se inquietar e pensar em propostas significativas para a construção do aprendizado. Entendemos que através dos resultados alcançados não encontraremos a solução para os problemas detectados imediatos no aprendizado dos(as) alunos(as), mas podemos viabilizar questionamentos e aprimoramentos das práticas futuras. Concordamos com a afirmação de Gatti (2007, p. 23):

a pesquisa não pode estar a serviço de solucionar pequenos impasses do cotidiano, porque ela, por sua natureza e processo de construção, parece não se prestar a isso, vez que o tempo de investigação científica, em geral, não se coaduna com as necessidades de decisões mais rápidas.

Todavia, entendemos que a pesquisa é uma construção que, aliada ao estágio do(a) estudante de licenciatura, poderá construir melhores caminhos no aprendizado dos (as) alunos(as) e melhoria da prática educativa do então pedagogo(a)-pesquisador(a).

Documentação pedagógica como forma de registro do estágio como pesquisa e da pesquisa no estágio

De acordo as(os) autores(as) Marques e Almeida (2011) e Pinazza e Fochi (2018), na década de 1990, foi difundida uma experiência comandada por Loris Malaguzzi em Régio Emília, na Itália, voltada para a educação infantil. A experiência consistia na prática da documentação pedagógica. Essas(es) autoras(es) conceituam documentação como “sistematização do trabalho pedagógico”. Ou seja, a produção de memórias a partir de uma experiência e a organização de vários registros durante o processo vivenciado, seja durante uma pesquisa ou no exercício da profissão pedagógica.

O dicionário Houaiss (2001) traz também o conceito de documentação como “(...) ato, processo ou efeito de documentar. Reunião de documentos com o propósito de esclarecer ou provar alguma coisa”.

Compreendemos, então, que documentação implica a produção de registros, mas as autoras Pinazza e Fochi (2018) evidenciam que estes não devem ser feitos de maneira distante e descompromissada. É preciso que o(a) pesquisador(a) ou professor(a) consiga, através desse exercício, analisar e refletir, não somente o desenvolvimento do(a) aluno (a), mas também a sua prática em sala de aula, o seu próprio fazer (PINAZZA e FOCHI, 2018).

Por acreditarmos no que foi pontuado, compreendemos que a documentação pedagógica é um instrumento essencial para uma prática democrática e reflexiva, pois ela garante a construção de uma memória educativa (PINAZZA e FOCHI, 2018) por meio da qual o (a) docente consegue construir novos significados e interpretações a partir da observação atenta e uma escuta sensível e “transformar os registros em algo capaz de orientar o planejamento e o monitoramento de todo o processo educativo” (PINAZZA e FOCHI, 2018, p. 16).

Segundo Pinazza e Fochi (2018) assim como Marques e Almeida (2011), a documentação está associada à produção de registros ao longo do processo, que podem ser vídeos, fotografias, produções das crianças, fotos, áudios, agendas, diários de bordo, portfólio e várias outras possibilidades. Dalhberg; Moss; Pence (2003, p. 194) também conceituam Documentação Pedagógica como:

[...] material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com o seu trabalho. Tal material pode ser produzido de muitas maneiras e assumir muitas formas – por exemplo, observações manuscritas do que é dito e feito, registros em áudio e vídeo, fotografias, gráficos de computador, o próprio trabalho das crianças, incluindo, por exemplo, arte realizada no atelier com o atelierista. Este material torna o trabalho pedagógico concreto e visível (ou audível) e, como tal, é um ingrediente importante para o processo da documentação pedagógica.

Entretanto, deve-se programar a documentação, fazer uma eleição do que merece ser documentado. Isto se justifica tendo em vista o que se quer documentar, por que se quer documentar e para quem se documenta, já que não é possível e nem viável documentar tudo (PINAZZA e FOCHI, 2018; MARQUES e ALMEIDA, 2011).

Gardini e Eduards (2002) recomendam que a documentação deve seguir diferentes etapas. Deve constar de um ciclo investigativo, que é primeiro a observação, registro e produção de dados, organização dos dados observados e registrados e, por fim, a análise e interpretação dos registros produzidos.

Durante nosso estágio, utilizamos como instrumento de documentação pedagógica nossos registros fotográficos e o “diário de campo”. Esses materiais tiveram como finalidade registrar nossas observações, impressões, diálogos e todas as experiências vivenciadas durante esse período.

Após toda a coleta desses dados, arquivamos e organizamos esses registros para uma posterior análise teórica mais aprofundada. Ao entenderem que o registro é a escrita sobre a prática e o pensar sobre ela, Marques e Almeida (2011) consideram o diário como um instrumento para se revisar e analisar a própria prática por meio de um processo.

Objetivamos através da documentação refletir sobre nossa prática, nosso fazer pedagógico e o desenvolvimento do nosso projeto de intervenção-pesquisa, permitindo-nos apropriar do vivido, analisar e entender como aquelas crianças participantes da nossa pesquisa constroem a sua leitura de mundo, como aprendem, como se sentem e também refletir o modo como as enxergamos.

Marques e Almeida (2011, p.425) afirmam que “a documentação pedagógica pode colaborar no processo de afirmação de uma identidade profissional e de um currículo pautado no reconhecimento”. Compreendemos que, ao revisar e analisar nossos registros, apropriamo-nos da nossa identidade, passamos a nos conhecer mais enquanto profissionais e isso, com certeza, irá contribuir para o aprimoramento da nossa prática e ter um olhar voltado para as especificidades e necessidades de nossos (as) alunos(as).

Compreendemos ainda que refletir é pensar, repensar a nossa prática e agir. Não se trata apenas em buscar diferentes tipos de atividades para assegurar a aprendizagem aos alunos (as), mas é preciso conseguir superar o senso comum e ir recriando, reconfigurando, ressignificando e elaborando a própria prática. É fundamental que a atividade seja consciente e “carregada de intencionalidade, para que, de fato, possa contribuir para o processo pedagógico institucional, e não sendo apenas mais uma prática burocrática desprovida de sentido para aqueles que a vivenciam”. (MARQUES e ALMEIDA, 2011, p.425). É um exercício de tomada de consciência que nos permite entender como fizemos e o que fizemos para ir moldando nossa experiência, evitando cometer possíveis erros e, como já citado anteriormente, criando nossa própria identidade.

Foi essa documentação que permitiu que vivenciássemos o estágio como pesquisa e nos possibilitou analisar nossas experiências enquanto pesquisadoras e estagiárias, que serão apresentadas a seguir.

EVENTOS POÉTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM CRIANÇAS DO CAMPO

Nesta seção tratamos da prática e experiência com os (as) alunos(as) durante a intervenção e pesquisa no estágio. Nomeamos esses encontros de “evento poético”, pois sabemos que um evento é um fenômeno na qual reúnem pessoas em um determinado espaço com um objetivo prévio, nesse sentido nosso objetivo através desses encontros foi proporcionar à aquelas crianças o envolvimento e o gosto pela leitura por meio dos poemas.

Na sombra do umbuzeiro: Um convite à poesia

Em nosso primeiro evento poético na escola, idealizamos uma aula em ambiente livre, onde os(as) alunos(as) pudessem sentir o ar puro e o contato com a natureza. A escola possui um imenso pátio e algumas árvores, entre elas pés de umbuzeiro, fruto nordestino, símbolo do sertão baiano, e muito valorizado por todas as crianças. Ter a nossa primeira aula debaixo daquela árvore foi nossa ideia para sincronizar a leveza do poema com um elemento da natureza tão importante para os alunos, “o pé de umbu” como é popularmente conhecido, além de mostrarmos aos(as) alunos(as) o quanto os elementos do ambiente que vivem são necessários e podem ajudar em nossa formação. Conforme Arroyo (2009, p. 23):

A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo deve ser educação no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando à humanidade mais plena e feliz.

Ao partirmos desse pressuposto, as aulas em ambientes livres e da natureza foram planejadas exatamente para que cada criança pudesse ter o sentimento de pertencimento, construindo ainda mais a sua identidade de sujeitos(as) do campo, enquanto avançam no seu conhecimento em leitura e escrita, além de ver as possibilidades de aprendizagem fora da sala de aula.

Figura 1: Na sombra do umbuzeiro



Fonte: Documentação pedagógica das pesquisadoras (18/11/2019).

Para a realização do evento, fizemos a limpeza do local, decoramos, levamos tapete para as crianças se acomodarem debaixo da sombra fresca do umbuzeiro. Era novembro, mês de chuvas no sertão e alegria para todos(as), principalmente para o povo do campo, pois é através das chuvas que a terra seca se renova para o plantio, gerando, assim, fartura e melhores condições de sobrevivência. O dia era ideal para nossa primeira proposta, quando daríamos início a um trabalho de leitura e escrita por meio de poemas com os/as alunos/as.

A poesia: Convite, do autor José Paulo Paes, foi a nossa primeira escolha para apresentar aos(as) estudantes. Nela, o autor faz um lindo convite para brincarmos com as palavras assim como fazemos com os brinquedos. Por meio desse convite, pudemos mostrar às crianças que ler e escrever é uma tarefa agradável e, através dos poemas, ficaria ainda melhor.

Convite

Poesia é... brincar com as palavras
como se brinca com bola,
Papagaio, pião.
Só que bola, papagaio, pião
de tanto brincar se gastam.
As palavras não:
Quanto mais se brinca com elas,
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?
(José Paulo Paes)

Conforme salienta Alves (2015, p. 17), autor do poema “nos convida a brincar, ou seja, convida o leitor a entrar e participar do universo fantasioso e imaginário que caracteriza a poesia”. Por meio desse texto, objetivamos despertar a atenção dos(as) alunos(as), convidando-os(as) para viajar por aqueles dias, compreendendo o quanto as rimas e versos são importantes para o despertar do conhecimento e como seria fácil brincar com as palavras. Concordamos com a afirmação de Moreira (2013, p. 22) que diz:

[...] Trabalhar atividades com textos poéticos na sala de aula desenvolve o poder de imaginação, criação, sensibilidade e capacidade crítica da criança. Feito isso nas séries iniciais, o aluno se sente num ambiente acolhedor, assim como o de sua família, desencadeando a qualidade para seu desempenho escolar nas séries seguintes. [...]

Acreditando nesse processo de imaginação e sensibilidade desenvolvido pelas crianças, ao longo do projeto nos movemos em função de despertar o interesse deles(as) pela leitura, embora alguns se mostrassem indiferentes e muito tímidos com a nossa intervenção, mas aquele ainda era o primeiro dia, e o nosso convite decorreria por toda uma semana a fim de que eles(as) criassem maior afinidade com o gênero textual poema.

Para a leitura compartilhada, dividimos o texto poético em estrofes e distribuimos para os(as) alunos(as) assim, possibilitamos que cada uma pudesse ler uma parte e se familiarizar com o convite que propomos através da leitura. Explicamos a eles(as) que estávamos ali com o objetivo de convidá-los(as) a conhecer o mundo da poesia e, por meio disso, facilitar o processo de aprendizagem de cada um(a).

Figura 2: Um convite à poesia



Fonte: Documentação pedagógica das pesquisadoras (18/11/2019).

Primeiramente, fizemos a leitura em voz alta para que as crianças pudessem compreender o sentido da poesia. Após isso, perguntamos o que elas haviam entendido, e foram pontuando. Nessa conversa, explicamos a eles(elas) que os brinquedos são muito importantes assim como a aprendizagem. Fizemos questionamentos de quais eram as suas brincadeiras preferidas, se na fazenda onde moravam tinha rios e como eles(as) gostavam de se divertir. Isto é, buscamos contextualizar sua realidade com os elementos da poesia apresentada. Conforme salienta Gonçalves (2013, p.13), “Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos”. Desse modo, a leitura se torna significativa e gera participação das crianças, despertando maior interesse na atividade.

Os(as) alunos(as) nos contaram suas atividades e brincadeiras favoritas, produzindo textos orais a partir de suas realidades. É de suma importância conhecer a história e gostos das crianças, demos foco aos elementos do campo e notamos que eles(as) se divertiam e admiravam os locais onde moravam, cada uma(um) com sua particularidade e diferentes formas de ser, mas todas sendo crianças que aproveitam a sua infância dentro das possibilidades em que vivem. Conforme Silva, Silva e Martins (2018, p. 224) escrevem:

Por não ser única, a infância é vivida pelas crianças de modo heterogêneo, mutável em todas as dimensões econômica, social, cultural, lúdica, alimentar, racial, sexual, etc. Assim, há infâncias, não apenas uma infância, uma vez que essa categoria se forma na junção de diversas gerações de crianças e adultos, em diversos entornos históricos e sociais, de modo tenso e contingente. [...].

Ali estávamos lidando com histórias de vidas, advindas de contextos diferentes. Embora todas fossem do campo, as suas vivências e experiências eram individuais. Ouvir os relatos e curiosidades foi muito importante para nós, um momento de partilha singular que não fugiu da nossa proposta de trabalho com poesias, pois entender a realidade de cada um(a) faz parte do processo de ensino e aprendizado, especialmente, quando se trata da educação do campo.

Após o momento de conversa, nós lemos novamente o poema com pausas para que cada criança localizasse o verso que estava em suas mãos. Logo que encontravam, pedíamos para que fizessem a leitura em voz alta. Alguns(mas) deles (as) não conseguiam fazer a atividade sozinhos(as), nós nos sentamos e vagarosamente fomos ajudando a formar as palavras e completar os versos. Essa forma de ensinar foi muito proveitosa, já que eles(elas) se sentiram tranquilos(as) para realizar a atividade. Conforme Soares (2010, p.41) escreve:

Quanto mais a criança for estimulada a experimentar escrever e ler, quanto mais ela puder exercitar a leitura e a escrita livremente, sem pressões, sem censura ou correções constantes, maior a possibilidade de desenvolver uma atitude positiva em relação a esse processo.

Esperamos o tempo de cada aluno(a) para conclusão da leitura e não os(as) pressionamos para lerem rapidamente. Estávamos ali com o objetivo de ajudar e assim fizemos. Cada um(uma) apresentava a sua particularidade para formar as palavras, uns leram mais devagar, outros(as) erravam na hora de falar a palavra e, como educadoras que ali estávamos, tivemos paciência e dedicação no processo de ensino para que eles(elas) não se sentissem cansados(as) ou achassem a atividade difícil.

Ao finalizar essa atividade com os(as) alunos(as), sentimo-nos felizes, plantamos ali uma sementinha e vemos que eles(elas) se alegraram ao conseguir completar a tarefa. Usamos as estratégias de leitura que deram certo para cativá-los nesse primeiro dia: o poema lido em voz alta fez com que se interessassem muito pelos versos e rimas; a participação de todos(as) na hora de ler; a calma e tranquilidade em ensinar as atividades respeitando o tempo deles(as), e as histórias de vidas compartilhadas e o ambiente agradável e compatível com o texto poético apresentado.

Posteriormente, entregamos o poema impresso e pedimos que pintassem na mesma cor as palavras que rimavam e assim foi feito sem muitas dificuldades. Adiante, solicitamos que eles(as) reescrevessem a poesia no caderno, objetivando ver o nível de escrita de cada um(uma). Percebemos que, mesmo com o texto impresso, alguns não conseguiam desenvolver a escrita corretamente e nós os ajudamos, falamos as palavras e mostramos no texto para facilitar a leitura e possibilitar uma melhor escrita.

Foi um processo um pouco demorado e notamos nesse primeiro dia que, assim como a professora da turma nos havia orientado, os(as) alunos(as) estavam com dificuldades em ler e reconhecer as palavras, além de alguns não terem incentivo e hábito de leituras. Todavia, a aula em ambiente diferente e o texto poético foram atributos importantes para o despertar deles(as). Conforme escreve Pinheiro (2007, p. 28):

Ir ao pátio da escola para ler uma pequena antologia, pôr uma música de fundo enquanto se lê, são procedimentos que ajudam na conquista do leitor. São portanto, condições que, se dispensadas, poderão debilitar uma experiência que poderia ser mais rica, mais significativa. Improvisar um mural onde os alunos, durante uma semana, um mês, ou o ano todo colocam os versos de que mais gostam: incentivá-los a recitarem livremente poemas que conhecem – de qualquer época ou autor – são procedimentos que vão criando um ambiente (físico e psicológico) em que a poesia começa a ser vivenciada, em que o prazer de lê-la passa a tomar forma.

Nesse contexto, observamos que a aula em um ambiente livre, com cores e rimas, foi muito importante naquele dia. Os(as) alunos(as) participaram ativamente, demonstrando curiosidade sobre os próximos encontros. Observamos que se esforçaram para ler e trouxeram aspectos de suas vidas que se encontravam com elementos da poesia. Sendo assim, entendemos que sair um pouco da sala e trabalhar o texto poético daquela forma foi muito enriquecedor para todos(as) e é uma experiência que os(as) professores(as) poderiam experimentar para desenvolver o gosto pela leitura.

Além de ser muito agradável, o ambiente livre combina com a liberdade, imaginação e boas sensações que o texto poético traz, sendo assim, é um gênero textual que merece atenção e planejamento para ser trabalhado, pois, através dele, podem-se explorar várias formas de aprendizagem e em diferentes espaços. Isso desperta o imaginário dos(as)

alunos(as), por isso, devem-se explorar lugares dentro da escola a fim de quebrar a rotina e motivar os(as) alunos(as) para uma nova forma de aprender.

Ficamos felizes e compreendemos que, naquele primeiro dia, todos(as) se envolveram com o texto trabalhado, até mesmo quem se mostrou tímido no início. Ficou evidente para nós que os textos poéticos são muito valorosos no desenvolvimento da leitura, principalmente, se usados de forma dinâmica e não robotizada. Naquela aula, conseguimos despertar a imaginação, participação e entusiasmo das crianças para com as atividades.

Voando com as borboletas no mundo da poesia

Figura 3: Voando com as borboletas no mundo da poesia



Fonte: Documentação pedagógica das pesquisadoras (19/11/2019).

Para este evento poético, levamos aos(as) alunos(as) o poema “Borboletas” de Vinícius de Moraes. A aula teve como título “Voando com as borboletas no mundo da poesia”.

O motivo da escolha deste tão conhecido poema se deu pelo fato dele trazer características muito importantes para o imaginário das crianças, como a cor, a personificação, ou seja, atribuição de características humanas aos insetos, que podem ser observadas no emprego do verbo “brincar” e nos adjetivos “alegres e francas”. Além disso, o uso de rimas e repetições, que geram um efeito de musicalidade no poema, fazem com que se torne fácil a sua memorização.

Este poema apresenta uma linguagem simples e aborda elementos presentes no campo, a exemplo das borboletas, pois, como Santos (2013) afirma, devem-se utilizar poesias que tragam em sua composição um vocabulário simples que condiz com a realidade em que a criança está inserida. Reis, Marques e Santos (2018, p.21) também compartilham dessa ideia e afirmam que “No processo de alfabetização e letramento para as crianças que moram no meio rural é indispensável que os conteúdos de leitura e escrita sejam condizentes com a realidade social da criança”.

Como as autoras ratificam, o processo de identificação das crianças do campo com a sua realidade durante os momentos de leitura e escrita é primordial para que, de fato, haja interesse pela leitura. É necessário, então, que esta seja significativa para a vida desses(as) estudantes, já que ela aborda algo que faz parte do contexto em que eles(as) estão inseridos(as).

O lugar escolhido para desenvolver o evento deste dia foi uma árvore com uma sombra grande e bem fresca, próximo à quadra da escola, um ambiente muito tranquilo que proporcionou aos(as) alunos(as) saírem da rotina da sala de aula e do padrão de cadeiras enfileiradas. Debaxo dessa árvore, havia bancos e foi possível todos(as) se acomodarem.

Iniciamos o evento entregando para cada criança uma cópia do poema, para que pudessem acompanhar a leitura que foi realizada por nós de forma muito dinâmica, com entonações e em voz alta. Conforme já discutido no tópico “O Espaço da Poesia Na Escola” deste texto, as ideias de Abramovich se aplicam aqui, ela explicita algumas formas para se trabalhar com poemas, dentre elas a autora destaca o ler em voz alta e com emoção, selecionar poesias que meçam com os sentidos da criança, fazer pausas para os estudantes perceberem cada estrofe, seguir um ritmo e antes de tudo conhecer muito bem o poema a ser lido. Seguindo esses passos foi possível incentivar a criatividade, a imaginação, o interesse pela leitura, o envolvimento e a participação, pois essas são algumas das inúmeras possibilidades que a poesia trabalhada de forma dinâmica e atraente pode proporcionar ao leitor e ao ouvinte. Segundo Queiroz (2015, p.63), “Esse tipo de compartilhamento de leitura passa por um envolvimento afetivo dos alunos com o texto literário, levando para dentro de si suas interrogações, suas experiências individuais, suas leituras e o seu conhecimento de mundo”.

O objetivo foi fazer com que os(as) alunos(as) internalizassem o que estavam ouvindo, recriassem o mundo através da imaginação, revivessem as suas memórias e experiências, reconhecessem-se no texto lido e sentissem o deleite que a leitura pode proporcionar.

Logo após a leitura compartilhada, apresentamos, por meio de uma foto, o autor do poema, Vinícius de Moraes. Informamos sobre suas obras e contribuições para o mundo da poesia. Foi relevante apresentá-lo aos alunos, pois, como Veras, Constantino, Rodrigues, Daluz e Pereira (2007, p.8) apontam:

(...) a ausência de autoria no corpo de poemas oferecidos em folhas soltas é uma armadilha ainda maior. Após a primeira leitura, como recorrer a fonte para uma segunda leitura? Como o professor a posteriore, pode revistar o texto em outras ocasiões? Qual a referência de autor que esse aluno terá no futuro? Em suas memórias leitoras ficará apenas a lembrança de um texto gostoso que ele desfrutou um dia. O professor, ao não dar-lhe a referência bibliográfica, rouba-lhe a oportunidade de reviver as sensações que teve no contato com aquele texto, de relê-lo e reinterpretá-lo no presente.

Neste sentido, compreendemos que os(as) estudantes precisam ter uma referência autoral, saber a quem e onde recorrer quando sentirem vontade de reler aquele determinado texto, tendo em vista que não foi possível disponibilizar um livro para cada criança, o que seria o ideal e correto o contato direto com a obra do autor.

Solicitamos aos(as) alunos(as) que fizessem uma segunda leitura individual e silenciosa do poema, pois, como Amorim (2014, p.30) afirma, “a leitura individual promove uma intimidade do leitor com o texto”. Posteriormente discutimos a interpretação que cada criança fez sobre o poema e as sensações que este lhe proporcionou. Foi notório como cada um teve sua forma individual e particular de interpretar, questionar e sentir este gênero textual.

Logo após o intervalo, distribuimos para as crianças folhas coloridas para que confeccionassem uma borboleta de dobradura, tendo em vista que esse tipo de atividade ajuda a desenvolver a coordenação mãos-olhos, estimula a concentração, ativa a memória, desenvolve a paciência e incentiva a imaginação e além de desenvolver todas essas habilidades, a criança ainda se diverte, pois é uma atividade prazerosa de se fazer.

Buscamos também sair do tradicional, em que a leitura de textos está sempre associada a fins de análise gramatical. Mesmo tendo como objetivo trabalhar a escrita, como foi solicitado pela professora, deixamos para um outro momento posterior, para que as crianças pudessem apreciar o gênero textual sem ter que se preocuparem em responder a uma série de questionários, pois se entende que é preciso propiciar experiências agradáveis com esse tipo de leitura, como Veras, Constantino, Rodrigues, Daluz e Pereira (2007, p.6) salientam:

Estas experiências são capazes de determinar o prazer e o desejo, tanto quanto podem despertar o desinteresse ou resistência à leitura. As sensações, a significação dada pelo leitor no momento do contato com o texto e a maneira como a leitura é oferecida marcam o indivíduo. Estas marcas o acompanham ao longo de sua vida e são revividas a cada nova leitura.

Não é somente em relação à forma como a leitura é oferecida, mas também o que é exigido ou cobrado após aquela leitura.

Apresentamos também o poema musicalizado, que faz parte do álbum *A arca de Noé*, lançado pouco antes da morte de Vinícius de Moraes. Foi possível notar como os(as) alunos(as) gostaram, pois pediram para repetir a música várias vezes e enquanto ouviam acompanhavam no papel. Pelo fato de terem conseguido memorizar o poema, consequentemente, conseguiam ler cada palavra com mais fluidez e velocidade de leitura, o que era um dos objetivos a ser alcançado com a proposta didática desenvolvida.

Para a finalização da aula, entregamos uma atividade impressa com gravuras de borboletas para que colorissem e escrevessem as cores correspondentes à cada uma, algo muito simples, mas que trabalha a escrita. A partir dessa solicitação, as crianças apenas olharam no poema impresso e transcreveram, o que já estavam acostumados a fazer em sala de aula, pois eram apenas copistas⁶ do que a professora passava no quadro. Quando solicitados(as) que escrevessem alguma palavra, não conseguiam sem ajuda.

Houve uma falha na elaboração desta atividade, é possível admitir. Avaliamos que poderíamos ter tirado essas crianças da zona de conforto e estimulado uma escrita com mais autonomia e confiança. Porém, há erros que servem como experiência e são essenciais para o amadurecimento da nossa prática enquanto professoras. Vivenciar a teoria-prática no estágio possibilita não se cometer o mesmo erro futuramente em uma sala de aula.

Trabalhamos também a consciência fonológica através da identificação das rimas presentes no poema. Segundo Magda Soares (2016, p.166), a consciência fonológica é a “capacidade de focalizar os sons das palavras, dissociando-os de seu significado, e de segmentar as palavras nos sons que as constituem”. Nesse sentido, esse tipo de exercício propicia aos(as) alunos(as) desenvolver uma consciência em relação ao som e grafia para escrever uma palavra, contribuindo para o seu processo de alfabetização.

No decorrer do trabalho com o poema “Borboletas”, ficou perceptível que os(as) estudantes estavam muito participativos(as) e se envolveram em todas as atividades. O poema musicalizado também foi um recurso muito válido, pois chamou a atenção das crianças que se divertiram ao ouvir e ao mesmo tempo, o trabalho com este poema em forma de música é capaz de proporcionar o desenvolvimento de aspectos linguísticos, cognitivos e sociais das crianças, além disso possibilita ao estudante tomar o gosto pela leitura.

⁶Temple e Souza (2007, p. 49) definem como copista “(...) o aluno que desenvolveu a habilidade de escrever, mas não avançou à compreensão da linguagem escrita, que permaneceu apenas nesse momento de cópia. Os alunos copistas são capazes de copiar as atividades apresentadas pelo professor com bastante habilidade; conhecem algumas letras, sabem nomeá-las, mas não sabem ler. Também não sabem escrever quando solicitados que executem a atividade, sozinhos”.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, tivemos como objetivo discutir a natureza e o uso da linguagem poética com crianças do campo; estabelecer a relação entre a linguagem poética e a formação do gosto pela leitura das crianças do campo; analisar, a partir das experiências do estágio, de que maneira os poemas podem despertar o gosto pela leitura. Diante das atividades que foram realizadas ao longo do projeto de pesquisa no estágio com os poemas, concluímos que conseguimos alcançar o que foi proposto em nossos objetivos, pois, durante os eventos poéticos realizados na escola, percebemos o envolvimento e interesse dos(as) alunos(as) com a leitura.

Levar os poemas para a sala de aula é sem dúvida de grande importância, já que, por meio da leitura, a criança amplia sua visão sobre o mundo e espaço em que vive, desenvolve a criatividade, a reflexão e a imaginação. Com crianças do campo, isso se torna essencial porque muitos poemas trazem uma escrita que remete aos elementos da natureza e isso gera uma identificação pessoal por parte do(a) aluno(a) e, conseqüentemente, um interesse maior pela leitura e escrita.

Diante deste trabalho, analisamos que é possível desenvolver o estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio, uma vez que conseguimos desenvolver o projeto e alcançar os resultados propostos. Para cursos que formam licenciandos(as), consideramos essa prática de pesquisa no estágio muito importante e necessária, pois o(a) futuro(a) professor(a) se inquietará diante das construções e passará a pensar sobre os seus métodos para a elaboração de aula e, conseqüentemente, melhoria na qualidade do ensino. Acrescenta-se que essa experiência mostra que o currículo do curso de Pedagogia, em realização desde 2008 no DEDC XII/UNEB, apresenta um grande potencial ao propor o estágio como locus da pesquisa. Nossa experiência de estágio, documentada e refletida neste TCC, mostra que é possível romper com a concepção do estágio apenas como o lugar da prática.

Ao propormos, desde o 3º semestre do curso de Pedagogia, um projeto de pesquisa-intervenção que se materializa neste TCC, evidenciamos algumas pistas de como pode ocorrer o estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio. Para isso, um método que se mostrou viável foi a documentação pedagógica, tanto para registrar as vivências (produzir dados da pesquisa) quanto para levar à análise/reflexão.

Concluímos que a documentação pedagógica contribui de forma significativa para o aprimoramento da prática do(a) professor(a) e para a aprendizagem das crianças, uma vez que um(a) professor(a) que se pauta na práxis, pode propor metodologias que tornem os conteúdos mais significativos para os estudantes. A documentação pedagógica também proporciona a formação do(a) professor(a), pois além de registrar a aprendizagem e desenvolvimento do(a) aluno(a) também registra a construção do conhecimento de sua prática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Maria da Silva. **A poesia infantil de José Paulo Paes em sala de aula:** Uma proposta de leitura e abordagem do poema “convite”. Catolé do Rocha – PB, 2015. 26 f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual da Paraíba- Campus IV.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Saete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo.** Petrópolis: Vozes, 2009.

- CARVALHO, A. M. P. **Os estágios nos cursos de licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012 (Coleção Ideias em Ação).
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líber, 2007
- GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisângela S; ALMEIDA, Whasgthon A. de. **Estágio com pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015
- GONÇALVES, Débora Souza Neves. **A importância da leitura nos anos iniciais escolares**. Trabalho de monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2013.
- MORAES, Vinícius. **A Arca de Noé**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- MOREIRA, Lisane Carla Sousa. **Poesia e letramento infantil: Uma estratégia pedagógica**. Brasília, 2013. 70 f. Trabalho de monografia- Faculdade de educação da Universidade de Brasília.
- PAES, José Paulo. **Um por todos (poesia completa)**. São Paulo: Brasiliense 1986.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo, SP: Cortez. 2012.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- QUEIROZ, Solange Palhano de. **Práticas de leitura da biblioteca de uma escola do campo: Possibilidades, limites e contradições**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Centro Oeste, Programa de Pós-graduação em Letras, Linha de Pesquisa: Poéticas da Leitura e Interpretação. Guarapuava, 2015.
- REIS, S. M. A de O; SANTOS, J. C; MARQUES, T. G. Alfabetização e Letramento em Uma Escola do Campo: Uma análise a partir do trabalho com a literatura infantil. **Linguagens, educação e sociedade**, v. 1, p.32, 2018.
- SANTOS, Maraiza Marta dos. **Como Trabalhar a Poesia na Educação Infantil**. Faculdades Projeção, Sobradinho, 2013.
- SILVA, Isabel Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves [Org.]. **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 248 p. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).
- SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: A questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- UNEB. Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia. Universidade Estadual da Bahia. Guanambi, 2008.
- VÉRAS, A. F. T. : Eveline Miranda Rodrigues; Liliane Balonecker Daluz; Eloíse da Silva Longobuco Constantino; Tatiana Cristina da Costa e Silva Pereira. **O Papel da Poesia na Formação de Leitores**. In: 16º Congresso de Leitura no Brasil, 2007, Campinas. No Mundo há Muitas Armadilhas é Preciso Quebrá-las.